

**Award Ceremony of the 2023 North-South Prize of the Council of Europe**  
**Speech by Edite Estrela**  
**Portuguese Version**

Sr Presidente da República,

Sr Presidente da Assembleia da República,

Sr Secretário-geral adjunto do Conselho da Europa,

Sra. Presidente do Comité Executivo do Centro Norte-Sul,

Sras e Srs Embaixadores,

Sras Deputadas e Srs Deputados,

Laureados,

Excelências,

Em meu nome pessoal e do Sr. Presidente da APCE, Theodoros Rousopoulos, cumprimento os presentes e felicito os laureados de 2023: Amina Bouayach e o *Global Campus of Human Rights*.

2024 é um ano especial. Especial para o Conselho da Europa, que celebra 75 anos de existência ao serviço dos Direitos Humanos e da Democracia. Este é também um ano muito especial para Portugal, que comemora os 50 anos da Revolução dos Cravos e o centenário do nascimento de Mário Soares que, em 1976, era ele primeiro-ministro e José Medeiros Ferreira ministro dos Negócios Estrangeiros, pediu a adesão da jovem democracia portuguesa à mais antiga organização europeia de Direitos Humanos e de promoção do Estado de Direito. Faz 48 anos, no próximo dia 22 de setembro, que Portugal depositou o instrumento de adesão ao Conselho da Europa, tornando-se então o seu 19.º Estado-membro.

Desde 1995 que o Conselho da Europa atribui, anualmente, o Prémio Norte-Sul a duas personalidades ou organizações, uma do Norte e outra do Sul, comprometidas com os Direitos Humanos e com o Estado de Direito. O prestígio deste Prémio pode também ser aferido pelas obras valorosas das personalidades agraciadas, entre as quais se contam os portugueses Mário Soares, Jorge Sampaio e António Guterres e homens e mulheres de referência universal como Kofi Annan, Mikhail Gorbachov, Xanana Gusmão, Lula da Silva, e mulheres como Mary Robinson, Graça Machel, Emma Bonino ou Simone Veil, a quem se junta agora Amina Bouayach.

Felicito a Sra Bouayach pela sua incansável atividade na defesa dos direitos humanos, desde a década de 1980, altura em que, inspirada pelos movimentos de ajuda aos presos políticos nas

ditaduras sul-americanas, se dedicou à defesa dos presos políticos em Marrocos. O seu curriculum é vasto e conhecido. O seu empenho no fortalecimento dos laços entre as nações, em torno de valores comuns, alcandorou-a a um lugar cimeiro no movimento global de direitos humanos. Em 2006, foi a primeira mulher eleita presidente de uma grande ONG em Marrocos. Entre 2010 e 2013, foi vice-presidente e secretária-geral da Federação Internacional para os Direitos Humanos, uma federação de 184 organizações de cerca de 100 países. Desde dezembro de 2018, é presidente do Conselho Nacional de Direitos Humanos de Marrocos, de que foi membro fundador. Nestas funções, deu especial atenção aos direitos das mulheres e dos refugiados e migrantes, à prevenção da tortura e à abolição da pena de morte que, segundo ela, combina a proteção e a promoção dos direitos humanos, porque ( e cito) “a proteção dos direitos humanos pode ser comparada ao trabalho de um médico de urgência, enquanto a sua promoção é um trabalho a longo prazo”.

Cara Sra Bouayach, em 2019, fui autora de um parecer da APCE sobre a “Avaliação da parceria para a democracia relativamente ao Parlamento de Marrocos”. Nesse relatório, reconheci os progressos no caminho da igualdade entre homens e mulheres desde 2015, mas também no que respeita à integração dos migrantes e à luta contra o racismo. Acredito que alguns desses progressos resultaram do seu contributo ou foram por si impulsionados. E espero que, desde então, se tenham verificado mais avanços, designadamente em relação à violência de género, ao direito ao aborto, à proteção dos direitos da comunidade LGBTI e da proteção da vida privada e familiar em geral. As políticas de igualdade de género não são políticas menores nem assuntos de mulheres. Dizem respeito a toda a sociedade e influenciam toda a organização social. A igualdade de género é uma questão de direitos humanos e é também um pré-requisito para se alcançarem os objetivos de crescimento, emprego e coesão social.

Excelências,

"A educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo. Devemos promover a coragem onde há medo, promover o acordo onde existe conflito e inspirar confiança onde há desespero". Estas sábias palavras, proferidas por Nelson Mandela, ocorreram a propósito da instituição laureada, o *Global Campus of Human Rights*, aqui representado pela sua presidente, Verónica Gomez, e pelo seu Secretário-Geral, Manfred Nowak, a quem endereço as minhas felicitações. O *Global Campus of Human Rights* é uma rede internacional sediada em Veneza, composta por mais de 100 Universidades, de que faz parte, por exemplo, a Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa faz parte. Trata-se de uma rede global que proporciona uma educação acessível e de elevada qualidade em matéria de direitos humanos e democracia e promove o diálogo Norte-Sul. Através de vários programas, de que o *European Master's Programme in Human Rights and Democratisation* (EMA) é um excelente exemplo, treina e capacita a próxima geração de profissionais de direitos humanos e democracia. Ao favorecer um movimento social pela educação de qualidade para todos, força motriz do desenvolvimento sustentável e inclusivo, através de uma plataforma de intercâmbio e educação, unindo académicos, alunos, advogados e outros especialistas numa rede global, o *Global Campus of Human Rights* é um símbolo de excelência e um caso exemplar de como a educação pode mudar o mundo, como preconizou Mandela.

Em 1949, ano da criação do Conselho da Europa, o nosso grande pensador Eduardo Lourenço publicou um ensaio intitulado “a Europa ou o diálogo que nos falta”. Decorridos 75 anos, atrevo-me a afirmar que falta diálogo e cooperação da Europa com os seus vizinhos do Mediterrâneo, mas também com os outros continentes. Falta igualmente mais diálogo no seio da própria Europa para combater o populismo e as forças extremistas. Estamos a poucos dias das eleições para o PE. A intensificação das campanhas de desinformação e a possibilidade de os partidos populistas e de extrema-direita aumentarem a sua representação, deve preocupar todos os democratas.

Num momento em que as forças populistas e extremistas põem em causa o estado de direito e os valores fundadores do regime democrático, em que, através do discurso de ódio, incitam ao racismo e à xenofobia, fazem falta exemplos como o *Global Campus of Human Rights*, pois só através da livre expressão da cidadania se pode vencer o obscurantismo, a arrogância e o medo. Diz-se que as verdades podem ser nuas e que as mentiras precisam de estar vestidas. Em tempo de “factos alternativos” e de “pós-verdade”, há quem só veja o “manto diáfano da fantasia” e não procure “a nudez crua da verdade”, na alegoria queirosiana. E que falta nos faz a fina ironia de Eça de Queirós para ajudar a combater a desinformação que está a corroer os fundamentos da democracia.

Muito obrigada.

Edite Estrela